

Agrupamento de Escolas de Vila
Nova da Barquinha
Escola D. Maria II

**Património Cultural:
Castelo de Almourol**



Coordenação de Ângela Luísa

Clube Europeu

2017/2018



Índice

Introdução	2
I - Explorar a história do Castelo de Almourol.....	3
1.1. Leitura de vários artigos sobre a história do Castelo;	3
1.2. Resumo da história do Castelo (com tradução para Inglês / Espanhol);	3
Traduções	4
1.3. Ilustração da história.....	6
II - Identificar a verdadeira lenda do Castelo de Almourol	7
2.1. Pesquisa sobre a lenda do Castelo;.....	7
2.2. Criação de um <i>sketch</i> ;	8
2.3. Recriação da lenda (com filmagem);.....	15
III - Valorizar a zona envolvente ao Castelo de Almourol	16
3.1. Análise da zona envolvente (fauna e flora);.....	16
3.2. Fotografias do Castelo e zona envolvente;	16
3.3. Realização de um vídeo promocional.	18
Conclusão.....	19
Bibliografia:.....	20
Webgrafia:	20

Introdução

No âmbito do Clube Europeu, cujo tema era “Património Cultural”, iremos elaborar o presente Projeto que visa contribuir para a promoção do papel do património cultural europeu enquanto elemento central da diversidade e do diálogo interculturais; potenciar o contributo do património cultural europeu para a economia e para a sociedade, através do seu potencial direto e indireto e contribuir para a promoção do património cultural como um elemento importante da dimensão internacional da União Europeia.”

O monumento escolhido para desenvolver este projeto foi o Castelo de Almourol, no qual os alunos irão representar a Lenda de D. Ramiro com recurso a filmagem, bem como a um vídeo promocional ao Castelo de Almourol e pesquisa da fauna e flora existente na zona envolvente.

A docente responsável pelo Clube Europeu é Ângela Luísa com a cooperação das docentes Maria Antónia Esteves e Maria da Conceição Jorge.

As fotografias e as filmagens irão constar em anexo e estarão devidamente identificadas.

I - Explorar a história do Castelo de Almourol

1.1. Leitura de vários artigos sobre a história do Castelo;

Leram-se vários artigos sobre a História do Castelo de Almourol, bem como pesquisas bibliográficas e web gráficas, todas apontando para a sua existência no meio do Rio Tejo, não se sabendo ao certo a data da sua real construção. Das pesquisas efetuadas, pode fazer-se um resumo da sua história, o qual traduzimos para Espanhol e Inglês.

1.2. Resumo da história do Castelo (com tradução para Inglês / Espanhol);

O Castelo de Almourol situa-se numa pequena ilha escarpada, a meio do Rio Tejo, na localidade de Praia do Ribatejo, sendo um dos símbolos da reconquista cristã do país.

Esta pequena ilha já existia no período romano, mas atualmente é um dos monumentos militares medievais que melhor evoca a memória da Ordem dos Templários em Portugal.

Sobre a sua origem muito se especula, mas o que é certo é que em 1129, data da conquista deste local pelas tropas portuguesas, o castelo já existia e denominava-se Almorolan. D. Afonso Henriques, primeiro rei de Portugal, doou estas terras a Gualdim Pais, mestre dos Templários.

Em 1171 os templários reedificaram o castelo, cuja epígrafe se encontra sobre a porta principal do castelo, sendo que o mesmo sofreu várias obras de restauro em anos posteriores.

Observa-se a Torre de menagem, originalmente edificada com três pisos e as muralhas com torrões adossados, arquitetura militar inovadora dos Templários.

No século XIX o castelo foi reinventado, coroado de merlões e ameias, bem como de outros elementos decorativos de índole pouco prática.

No século XX, o Castelo de Almourol foi convertido em residência oficial da República Portuguesa, acolhendo importantes eventos do Estado Novo.

Atualmente, este monumento é o *ex libris* do concelho de Vila Nova da Barquinha, atraindo inúmeros visitantes devido à sua localização privilegiada e a um belíssimo enquadramento paisagístico.

Traduções:

Inglês:

The Castle of Almourol is located on a cliffy islet, in the middle of the Tagus river, in the parish of Praia do Ribatejo, being one of the country's christian reconquest symbols.

This small island already existed in the roman period, but today it is one of the medieval military monuments that best evokes the memory of the Templars' Order in Portugal.

There is a great speculation about its origins, but what we know for sure is that in 1129 when portuguese troops conquered the castle, it already existed and was called Almorolan. Dom Afonso Henriques, the first king of Portugal, donated these lands to Gualdim Pais, the portuguese master of the Knights Templar.

In 1171 the Templars rebuilt the castle, whose epigraph can be found over the main gate of the castle, which was undergone several repairs in later years.

The manor house can be seen, originally built with the three floors, and the rammed walls too, Templar's innovative military architecture.

In the nineteenth century the castle was reinvented, crowned with merlons and battlements, as well as other decorative elements of few practical nature.

In the twentieth century the castle of Almourol was converted into an official residence of the Portuguese Republic, welcoming several new events of the Estado Novo (1933-1974).

Nowadays it is the ex-libris of Vila Nova da Barquinha, attracting many visitors due to its privileged location and beautiful landscapes.

Espanhol:

El Castillo de Almourol se sitúa en una pequeña isla escarpada, en el medio del río Tajo, en Praia do Ribatejo, siendo uno de los símbolos de la reconquista cristiana del país.

Esta pequeña isla ya existía en el periodo romano, pero actualmente es uno de los monumentos militares medievales que mejor evoca la memoria de la Orden de los Templarios en Portugal.

Sobre su origen mucho se especula, pero lo que es verdad es que, en 1129, fecha de la reconquista de este local por las tropas portuguesas, el castillo ya existía y se llamaba Almorolan. D. Afonso Henriques, primer rey de Portugal, donó estas tierras a Gualdim Pais, maestro de los Templarios.

En 1171 los templarios reedificaron el castillo, cuyo epígrafe se encuentra sobre la puerta principal del castillo, lo mismo sufrió varias obras de recuperación en años posteriores.

Se observa la “Torre de Menagem”, originalmente edificada con tres pisos y las murallas con terrones adosados, arquitectura militar innovadora de los Templarios.

En el siglo XIX el castillo fue reinventado, coronado de merlones y almenajes, bien como de otros elementos decorativos de índole poco práctica.

En el siglo XX, el Castillo de Almourol fue convertido en residencia oficial de la República Portuguesa, acogiendo importantes eventos del Estado Nuevo.

Actualmente, este monumento es el ex libris de Vila Nova da Barquinha, atrayendo inúmeros visitantes debido a su privilegiada localización y a un bellissimo encuadramiento paisajístico.

1.3. Ilustração da história.



Figura 1 – D. Afonso Henriques; Gualdim Pais (Mestre templário) e Templário por Diogo Branco (10.ªA)

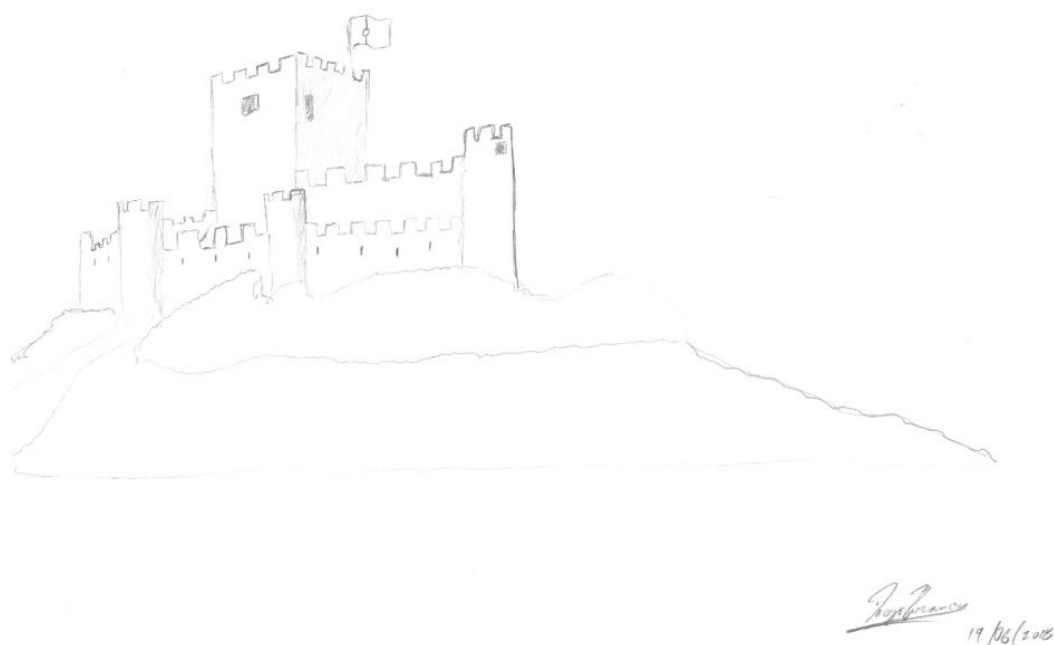


Figura 2 – Castelo de Almourol por Diogo Branco (10.ªA)

II - Identificar a verdadeira lenda do Castelo de Almourol

2.1. Pesquisa sobre a lenda do Castelo;

A lenda do Castelo de Almourol conta com várias versões e vários mitos, mas a que nos pareceu mais verdadeira, uma vez que aparece em várias pesquisas recorrentes a factos históricos é a seguinte:

«Aí pelos séculos IX ou X, era dono do castelo um senhor Godo chamado D. Ramiro, casado e tendo uma filha única de nome Beatriz.

Valoroso soldado era, todavia, rude, orgulhoso e cruel como a maioria dos senhores de sangue gótico. Ao regressar de uma das suas sortidas de guerra e orgulhoso dos seus feitos que em grande parte se cifravam em inúmeras atrocidades encontrou já próximo do Castelo duas moiras, mãe e filha, que embora infiéis reconheceu serem lindas como sua esposa e filha, que deixara em seu solar.

Fatigado da viagem e sedento, D. Ramiro interpelou as moiras para que cedessem a água que a mais jovem transportava na bilha.

Assustada pela figura e tom de voz do feroz cavaleiro, a pequena moira deixou que a bilha se lhe escapasse das mãos e quebrando-se, perdeu o precioso líquido que D. Ramiro tanto desejava.

Encolerizado e cego de raiva, este de pronto enristou a lança e feriu as duas desgraçadas que antes de morrerem, o amaldiçoaram. E porque surgisse, entretanto, um pequeno moiro de 11 anos, filho e irmão das assassinadas o tornou cativo e trá-lo para o Castelo. Chegado que foi a Almourol o moço viu a mulher e a filha de D. Ramiro e jurou fazer nela a sua vingança.

Passaram anos. A castelã adoece e pouco a pouco se foi definhando até morrer, em resultado do veneno que lhe vinha ministrado o cativo agareno.

O desgosto de evento leva D. Ramiro a procurar na luta contra os infiéis, refrigério para a sua desdita e parte confiando a guarda da sua filha ao jovem mouro, que fizera seu pajem, dada a docilidade e cortesia que o mesmo sempre astuciosamente revelara. Aconteceu, porém, que os dois jovens ignorando as diferenças de condições e de crenças, em breve se enamoraram, paixão contra a qual o mancebo lutou desesperadamente, mas em vão, dado que tal amor lhe impedia de consumir a sua vingança.

Mas não há bem que sempre dure e o enlevo e a felicidade dos dois jovens são desfeitos pelo regresso de D. Ramiro que se fazia acompanhar por outro castelão, a quem prometera a mão de sua filha.

O moiro, então alucinado e perdido, contou tudo a Beatriz as crueldades do pai, as promessas de vingança o envenenamento da mãe e a luta que travara entre o amor e o juramento que fizera.

Não se sabe o que se seguiu a esta confissão. Diz, entretanto, a lenda, que Beatriz e o moiro desapareceram sem que mais houvesse notícias deles. E D. Ramiro, cheio de remorsos e de desgosto morreu, pouco depois, ficando abandonado o Castelo, Conta a lenda que em certas noites de luar se vê o moiro abraçado a D. Beatriz e D. Ramiro a seus pés, a implorar clemência sempre que o moiro solta a palavra “maldição”.

Deste modo o viajante que por ali deambule, não deverá se surpreender se, em certas noites de luar, vir passar por entre as ameias as vestes brancas dos templários com a cruz de sangue sobre o peito de D. Beatriz e o moiro unidos por um abraço eterno. Talvez consiga ouvir mesmo, por entre o rumorejar das águas, os soluços de D. Ramiro.»

2.2. Criação de um *sketch*;

Para a criação do sketch / dramatização, recorreremos à ajuda preciosa da docente de História, Maria Antónia Esteves, que tem experiência em Teatro. O nosso guião ficou esplendoroso e começámos logo a imaginar como seria viver naquele tempo. Passamos a transcrever o guião que elaborámos:

“Lenda de D. Ramiro”

1º Momento

Dama vestida de branco abre as portas do castelo e faz o acolhimento do público com ritual de purificação do recinto enquanto diz:

Prólogo:

Bem-haja boa gente
À ilha intemporal
Onde vivem as lendas para sempre
Numa viagem sem igual!
Hoje vamos reviver
Sob o céu, a Lua e o Sol
Os nobres e donzelas no seu dizer
Em terra de Almourol!
Bem-haja boa gente
À ilha intemporal
Onde vivem as lendas para sempre
Numa viagem sem igual!

1º Nível do Castelo -recinto exterior

Narrador

Rica terra é esta minha!
Tão rica de tradições!
Contos de fadas, de Mouros,
Encantados castelões:
Feitiços de velhas bruxas,
Que tomam muitos serões;
Combates de cavaleiros,
Extremados campeões!
Rica terra é esta minha!
Tão rica de tradições!

Quero contar-vos a história
Do castelo de Almourol.
Vê-se de Tancos na frente
Ao descobrir do arrebol,
Bate nas velhas muralhas
D'aurora o primeiro sol.
Senta-se no meio do Tejo

Como se fosse um farol,
Quero contar-vos a história
Do castelo de Almourol.

3 cavaleiros templários circulando junto às ameias descobrem 3 mouros próximo da porta da traição e alertam para a sua captura.

1º Cavaleiro Templário: D. Ramiro, infiltraram-se mouros no castelo e é preciso defender a vossa fortaleza.

D. Ramiro: Vamos à luta contra os pagãos! Deus o quer! *(saindo a correr do recinto da Torre de Menagem)*

Descem até ao perímetro inferior e lutam contra os muçulmanos de forma aguerrida até os matar.

2º Cavaleiro Templário: Senhor, por ora não ocorre qualquer perigo de invasão, mas vamos percorrer a ilha para assegurarmos que não existem mais hordas de muçulmanos escondidos na zona.

D. Ramiro: Ide! Eu vou regressar ao recinto da Torre de Menagem. Em breve partirei a combater os infiéis.

Uma mulher moura acompanhada dos seus 2 filhos corre desesperada em direcção ao local onde estão os corpos dos mouros quando D. Ramiro a intercepta furioso

D. Ramiro: O que fazeis aqui?! *(perante o silêncio da mulher)* Falai ou vos matarei sem piedade! *(a moura mais nova que trazia a bilha com água treme assustada)*

Moura: Senhor, permiti que levante o corpo do pai dos meus filhos que ali se encontra prostrado...

D. Ramiro: Depois...os infiéis onde estão, não sairão! Primeiro, dai-me água! *(A pequena moura assusta-se e deixa cair a bilha, que se quebra e D. Ramiro, cego pela raiva fere-a mortalmente).*

Moura: *(debruçada sobre o corpo da pequena moura)* Maldito! Sejas tu vil entre os vis! Roubem-te assim os teus filhos, como a mim me tiraste sangue do meu sangue!

(D. Ramiro furioso mata-a também e ao pequeno mouro arrasta-o trazendo-o cativo para dentro do recinto do castelo.)

Narrador:

O jovem Mouro cativo
Tem onze anos, não mais;
Órfão, escravo, inocente,
O seu futuro são ais;
Vai caminhar prisioneiro
Nos seus livres areais.
Tem por senhor o tirano,
Que assassinara seus pais.
O jovem mouro cativo,
Tem onze anos não mais.

2º Momento

2º Nível do Castelo - Recinto da Torre de Menagem

Esposa de D. Ramiro: *(correndo para D. Ramiro)* Esposo, temi pela vossa vida, mas pela Virgem Mãe vejo que regressais da luta são e salvo.

D. Ramiro: Por pouco tempo, senhora minha, pois o Papa nos pede que partamos em nova cruzada contra os infiéis.

Beatriz: Meu pai, quem nos protegerá dos perigos nesta época de tão sangrentas batalhas?

D. Ramiro: Deixo-vos nas mãos de alguns fiéis cavaleiros do Templo que protegerão o Castelo e vos livrarão de quaisquer ameaças ...e deixar-vos-ei também este mouro cativo que ficará a vossa guarda.

(O mouro, olhando para a mulher e a filha de D. Ramiro jurou que seriam elas as vítimas da sua vingança.)

Mouro: Que Alá me possa valer pois jurarei vingar-me!

Narrador

Donde vais, oh! Dom Ramiro,
No centro dos teus donzés?
Vou-me às terras africanas»
Combater os infiéis.
Não vades, meu Dom Ramiro:
Não vades, que morrereis.
Beatriz, dai-me um abraço
Que cedo aqui me vereis!
 Donde vais, oh! Dom Ramiro,
 No centro dos teus donzés?

Já D. Ramiro vai longe
E Beatriz a chorar!
Beatriz a linda filha,
Que vai dez anos contar;
Tão donzela, tão formosa,
Que se diria sem par,
Se Beatriz não tivesse
Uma mãe para o negar!
 Já D. Ramiro vai longe
 E Beatriz a chorar!

Que tão gentil cavaleiro
Naquela estrada não vem!
Que lindo formoso pajem
Que o cavaleiro não tem
Pajem mouro, mouro pajem
Tão crestado pela aragem
Da terra ardente de além!

Escravo de D. Ramiro

Quando dez anos contou
Há cinco cativo,
Já pelos quinze passou,
Irmão e filho das mours
Que o cavaleiro matou,
Pobre mancebo, coitado
Quando dos seus apartado
 No sangue – contra o malvado
 Vingança eterna jurou!

3º Momento

2º Nível do Castelo - Recinto da Torre de Menagem

Narrador:

Cinco anos longos, longos,
Bem longos no seu esperar!
Esperou pela vingança
Com sede de se vingar!
Esperando vem à terra
Que de D. Ramiro encerra,
O Castelo feudal:
Já de D. Ramiro ouvira
Que filha, e mulher suspira
Que ele volte a Portugal!

Mulher e filha, ao sabê-lo
O mouro riu de prazer,
Foi irmã, foi mãe que o escravo
Se lembrava de perder!
Tão suave era a lembrança
Que lhe avivava a esperança
De fazer duas morrer!
(...)

Mancebo de quinze anos
Poderá ser tão cruel?
Poderá; que no seu peito
Verteram sanguento fel!
Poderá: jurou vingar-se
Pela crença de Ismael!
Tem um amor à vingança
Que não tinha tanta esperança
Jacob de alcançar Raquel!

ALMOUROL vê-se ao longe
Com suas torres gentis,
Em breve sobre as ameias
Se divisa Beatriz,
Que tem na face formosa

O colorido da rosa,
O mimo da flor-de-lis!

*Muitos anos se passaram
E o jovem mouro se vingou
E a esposa do castelão
rapidamente definhou
com o veneno mortal
Que o escravo lhe entregou...*

D. Ramiro que te foste
Lá tão longe a batalhar!
Deixando no teu castelo
O mouro pajem ficar!
Não sabias que esse pajem
Tinha no peito a coragem
Ardente de se vingar!
(...)
Era em vingança sonhar!
A tua esposa, que é dela?
Deixou no mundo a donzela,
Foi-se à campa a repousar!

Foi célebre aquela morte
Que ninguém soube entender.
Houve mesmo quem dissesse
Que era estranho assim morrer!

Aquela linda senhora
Dos povos tão benfeitora
Em três dias se finou;
E então sem estar doente,
Acabou tão de repente
Que, por fim, dizia a gente
Que coisa ruim a levou!

Para falar verdade
Não sei se tinham razão:
Passavam-se tantas coisas
Na ausência do castelão!
O mouro sempre chorando,
Noite e dia suspirando;
E Beatriz, de quando em quando,
Pondo a mão no coração!

Beatriz, essa donzela
Que foi linda a mais não ser,
Tão pálida agora e triste,
Que até custa a conhecer!
Beatriz, porque suspiras?
Pajem, tu porque deliras?
Nenhum o pode dizer!

Mas se Beatriz no peito,
Se alguém lho pudesse abrir,
Achara amor escondido;
Porém na alma do descrido
O sábio mais entendido
Não soubera traduzir!

Passavam um pelo outro,
Olhavam-se a suspirar...
Paravam depois de olhar-se,
E não ousavam falar!
Mas um dia, de repente,
Se acaso a história não mente,
Foi na noite de S. João,
Falaram mas em segredo,
Que ambos eles tinham medo
De ouvir um ao outro – não.

Mouro: Beatriz, queres ser minha?

Beatriz: Sim! Tanto desejei expressar o quanto te amava, mas com medo me calava.

Mouro: Também eu, Beatriz, te amava, mas apenas sonhava com a possibilidade desse amor. Nem sei como vivi!

Beatriz: Meu querido mouro a ti quero estreitar os laços que da alma por ti me vêm.

Narrador:

Ei-los tão abraçados
Como ninguém se abraçou;
Delícias daquele abraço
Quem é que assim as gozou?
Os sonhos daquelas almas
Ninguém na terra os sonhou!
Segredos dos seus amores
Em noites de S. João,
Foram segredos guardados,
Mas ainda aos séculos ligados,
Sempre a viver condenados
Os segredos lembrarão.

4º Momento

2º Nível do Castelo- Recinto da Torre de Menagem

Narrador:

Chegou hoje D. Ramiro
Dessas terras de além – mar;
Traz consigo um cavaleiro
A quem Beatriz quer dar.
Adeus amores do mouro,

Com Beatriz vai casar.
Chegou hoje D. Ramiro
Dessas terras de além-mar!

O jovem mouro desvairado
Sente bater acelerado
O coração apaixonado...
Beatriz linda donzela
Em ais sua alma desespera...
Vai casar com o outro

A quem seu pai prometera!

Mouro: Beatriz, minha vida aqui te quero contar...de quem muito amei neste mundo e que tanto me faz penar! Tinha mãe e uma irmã e sabes quem órfão me fez estar? E com 10 anos em escravo me quis deixar? Foi D. D. Ramiro de quem me jurei vingar! Mas o teu amor a minha jura me fez quebrar. E agora, Beatriz contigo para sempre quero ficar...vindes comigo, linda donzela fugir de quem te quer cativar?

Beatriz: Meu querido mouro por ti desejo escapar desta má sorte que meu pai me quer dar.
(saem em direção às ameias do castelo).

Narrador:

D. Ramiro, no Castelo,
Sua filha em vão chamou,
Debalde por toda a parte,
O mouro pajem buscou;
O pajem tinha fugido,
Beatriz tinha-o seguido,
Nenhum deles mais se achou;
E passados poucos dias,
Em negras melancolias,
D. Ramiro se ficou.

Mas não pensem já que o caso
Acabou sem mais razões,
Não cuidem que este Castelo
Deixou de ter Castelões;
Se pensam estão enganados
Nem sequer foram mudados
Das suas habitações;
Nem Beatriz, a donzela,
Cada vez mais branca e bela,
Deixou de ir aos balcões!

A gente das vizinhanças
Conta hoje ao seu serão
Que Beatriz e o pajem,
Em noite de S. João
Sobre os muros elevados
Aparecem abraçados
Ao lado do castelão;

Do castelão que, aterrado,
Ante o mouro ajoelhado,
A face roça no chão!
O pajem Beatriz olhando,
A sua jura recordando
Só repete: “- Maldição!”

E a mulher de D. Ramiro
Responde com um suspiro
Ao cruel mouro: “-Perdão!”
Assim o conto se conta,
O Castelo além se aponta
Tão rico na tradição.

2.3. Recriação da lenda (com filmagem);

A lenda do Castelo, intitulada D. Ramiro, segue em anexo.

III - Valorizar a zona envolvente ao Castelo de Almourol

3.1. Análise da zona envolvente (fauna e flora);

Após observação direta da zona envolvente ao Castelo de Almourol, verificou-se que a mesma é essencialmente composta por vegetação, sendo fundamental ao desenvolvimento sustentável e um importante recurso natural que importa potenciar. Pode observar-se que as espécies existentes na ilha são as seguintes: Zambujeiro (*Olea europaea* var. *sylvestris*); *Opuntia ficus-indica* – embora exótica invasora parece não ter um carácter tão invasor na ilha, como se existisse um equilíbrio; Lentisco (*Pistacia lentiscus*); Gilbardeira (*Ruscus aculeatus*); Cana-comum (*Arundo donax*) – exótica invasora; Salgueiros (*Salix* sp), Choupos (*Populus* sp.) e Tamariz (*Tamarix* sp.). De um modo geral, também se observaram outras espécies existentes na área envolvente, como: *Crataegus monogyna*; *Fraxinus angustifolia*; *Flueggea tinctoria*; *Fragula alnus*; *Myrtus communis*; *Phillyrea angustifolia*; *Pistacia lentiscus*; *Populus alba*; *Populus nigra* var. *italica*; *Prunus spinosa*; *Quercus faginea*; *Rhamnus alaternos*; *Ruscus aculeatus*; *Salix alba*; *Salix atrocinerea*; *Salix viminalis*; *Sambucus nigra*; *Tamarix gálica*; *Viburnum tinus*. Toda a informação foi-nos confirmada pela Engenheira Florestal, Alexandra Carvalho, da Câmara Municipal de Vila Nova da Barquinha.

De seguida, colocaremos algumas fotografias a título exemplificativo da flora existente.

3.2. Fotografias do Castelo e zona envolvente;





Figura 1 – Fotografias exemplificativas da flora existente no Castelo de Almourol

Após a pesquisa efectuada, colocaremos dois excertos da descrição da flora e da fauna.

“No seio de uma ilhota, pouco abaixo da confluência do rio Zêzere com o rio Tejo, eleva-se o castelo de Almourol que é um dos mais belos e bem conservados monumentos da arquitetura militar da nossa Idade Média. Nela constam ervagem bravia e arbustos crescendo a esmo, por entre os rochedos que afloram desordenadamente e rodeiam a velha e elegante fortaleza. Por quase toda a orla da ilhota debruçam-se sobre as águas os salgueiros e chorões em cujos ramos a passarada gorjeia.”

“Noutros tempos as margens elevadas do Tejo, estavam cobertas por bosques cerrados, que se estendiam por muitas léguas de superfície e nos quais a caça era abundante. As raras sendas feitas pelos caminhanes viam-se frequentemente atravessadas pelos javalis, pelos lobos, e pelos ursos.”

“Os rios Tejo e Zêzere abundam em grande quantidade de peixe, como sáveis e muges nos seus respetivos tempos, e além disso muitos barbos, lampreias, enguias, bogas, entre outros.”

in Ribatejo Histórico e Monumental, Francisco Câncio, Volume Terceiro (1939)

“Areias acumuladas, e alguma terra de alluvião formam o solo, aonde cravam as raízes os choupos, os salgueiros e os chorões, cujos troncos torcidos se penduram de cima das fragas até roçarem as águas com as ramas descabelladas. Piteiras enormes orlam em algumas partes os penhascos aprumados, ou rebentam das fendas das rochas meio precipitadas. Uma vegetação activa e luxuosa veste de verdura aquelle cahos de moles immensas sustidas ha seculos no meio da ameaça constante de uma quéda instantanea.”

Luís Augusto Rebello da Silva, Contos e Lendas, 1873

3.3. Realização de um vídeo promocional.

O vídeo promocional ao Castelo de Almourol segue em anexo.

Conclusão

Consideramos que o desenvolvimento do presente projeto correu conforme as nossas expectativas e as das docentes que nos orientaram.

Foi bastante interessante ficarmos a conhecer aspetos históricos alusivos a um dos monumentos da nossa região, bem como as lendas a ele associadas, sendo de realçar a importância da representação de uma das mesmas, pois foi como reviver tempos passados.

De referir que a pesquisa efetuada relativamente à fauna e flora do Castelo de Almourol remete ao século XX, mas curiosamente permanece inalterável até aos nossos dias.

Em suma, consideramos que a concretização deste tipo de projetos é fulcral para o nosso enriquecimento pessoal, académico e cultural.

Agradecemos, com muita estima, às seguintes entidades e / ou associações: ADIRN – Associação para o Desenvolvimento Integrado do Ribatejo Norte, sediada em Tomar; Agrupamento de Escolas de Vila Nova da Barquinha; Câmara Municipal de Vila Nova da Barquinha; Clube Hípico Margens do Tejo, Moita do Norte – Vila Nova da Barquinha; Fatias de Cá – Tomar; Junta de Freguesia de Tancos e Rádio Escola da Escola D. Maria II de Vila Nova da Barquinha, bem como aos docentes que nos acompanharam na concretização das filmagens, nomeadamente os docentes: Ana Salas, Ema Calado e José Alfredo Lopes, além dos já mencionados anteriormente: Ângela Luísa, Maria Antónia Esteves e Maria da Conceição Jorge e, ainda, ao colega Guilherme Vicente (aluno da turma A do nono ano).

Bibliografia:

- Alunos do 6.º ano, nos períodos letivos de 2013/2014 e 2014/2015, **Chuva de Histórias – Histórias e lendas do concelho da Chamusca**, Agrupamento de Escolas do Concelho da Chamusca (2016)
- Azevedo, José Correia (s.d.); Inventário Artístico Ilustrado de Portugal, Ribatejo (VI), Edições Nova Gesta
- Cândia, Francisco (1938); Ribatejo Histórico e Monumental, Volume Primeiro, do Instituto de Coimbra (Cap. I / II)
- Cândia, Francisco (1939); Ribatejo Histórico e Monumental, Volume Terceiro, do Instituto de Coimbra e do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia
- Cândia, Francisco (1946-1947); Ribatejo Lendário e Pitoresco, do Instituto de Coimbra e do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia
- Peres, Damião - Direção literária- (1928); História de Portugal, Edição Monumental de Portucalense Editora, Porto, Volume II
- Saraiva, José Hermano – Direção - (1983); História de Portugal, Volume 2, Publicações Alfa

Webgrafia:

- <http://asenhoradomonte.com/2012/10/12/lendas-do-castelo-de-almourol/>
- <http://asteriscoseparenteses.blogs.sapo.pt/lenda-e-historia-do-castelo-de-almourol-52844>
- <https://castelosmedievais.blogspot.pt/2013/09/almourol-historia-epica-misterio-e-lenda.html>
- http://www.cm-vnbarquinha.pt/images/pdf/municipio/gtf/PMDFCI_Caderno%20I_VilaNovaBarquinha_2014-2018.pdf
- <http://www.cm-vnbarquinha.pt/images/pdf/municipio/gtf/Recursos%20Naturais%20-%20Concelho%20VN%20Barquinha.pdf>
- <http://www.cm-vnbarquinha.pt/index.php/servicos-2/gabinete-tecnico-florestal>
- <http://contosencantar.blogspot.pt/2008/11/lenda-do-castelo-de-almourol.html>
- <http://ensina.rtp.pt/artigo/o-castelo-de-almourol/>
- <http://myguide.iol.pt/profiles/blogs/o-castelo-de-almourol-erguido>
- <http://porentremontesevales.blogspot.pt/2008/05/lenda-do-castelo-de-almourol.html>
- https://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo_de_Almourol
- <http://www.centerofportugal.com/pt/castelo-de-almourol/>
- <http://www.cm-vnbarquinha.pt/index.php/pt/visitar-2/castelo-de-almourol#hist%C3%B3ria>
- http://www.cph.ipt.pt/download/AntropeDownload/2_2014Serie%20Monografica/carta-arqueologica_VNB-versao-web.pdf

- <http://www.historiadeportugal.info/castelo-de-almourol/>
- <http://www.memoriaportuguesa.pt/castelo-de-almourol>
- <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70469/>